

Divulgação



Kal-El protege a Terra das maquinações de Lex Luthor em longa que a ACCRJ colocou em seu pódio de dez mais de 2025

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Ao votar os melhores filmes de 2025, no sábado passado, a Associação de Críticos do Rio de Janeiro (ACCRJ), uma das mais antigas entidades do jornalismo cultural brasileiro, ativa desde 1984, cravou “O Agente Secreto” em primeiro lugar, mas cometeu uma “ousadia” nerd e pôs o “Superman”, de James Gunn em seu panteão. No passado, produções como “Logan”, de James Mangold (de 2017) e o “Batman”, de Matt Reeves, de 2022, passaram pelo crivo da entidade. Porém, a escolha de 2025 é um pleito em prol de Gunn, por seu reconhecimento como diretor autor. Ao mesmo tempo, essa escolha coincide com a reinvenção do Homem de Aço nas HQs.

Quem estiver atrás de um presente para fãs de quadrinhos, neste Natal, pode surfar na decisão de Panini Comics de encadernar “As Quatro Estações”, de Jeff Loeb e Tim Sale, numa edição de bolso, a R\$ 56,90, com o Último Filho de Krypton a repensar seu lugar na Terra. A editora ainda lançou, nesta época natalina, o obrigatório “Fantasmas”, no qual o cruzado de Metrópolis tem que se confrontar com horrores egressos de uma zona espectral onde terroristas com poderes sobre-humanos estão detidos. Todo esse material mexe com a imaginação de Gunn, que terá o alienígena Brainiac como o inimigo do próximo longa com Clark Kent, “Man of Tomorrow”. Tudo indica que o alemão Lars Eideringer (“A Luz”) vá interpretar o vilão. Esse projeto está já em desenvolvimento para 2027. Antes, Gunn supervisiona “Supergirl”, de Craig Gillespie, com Milly Alcock no papel princi-

Para o alto e avante

Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro elege ‘Superman’ para rol de 10 melhores filmes do ano, repaginando a relevância de James Gunn, em meio à renovação do herói

pal, a prima de Kent, Kara Zor-El. A Panini lançou faz pouco um álbum de luxo da heroína, com arte da brasileira Bilquis Evely.

Essa agitação de Gunn esbarra com uma nova leva de revistinhas ilustradas, paralelas à dramaturgia mensal dos vigilantes da DC, chamada “Absolute”, que redesenha a mitologia fundadora de seus best-sellers, como a Mulher-Maravilha, o Batman e o Superman. São tramas que se afinam com as pautas da contemporaneidade,

em busca de uma nova geração leitora.

Sob essa recauchutagem do mais popular dos super-heróis, a seleção da ACCRJ, ao acenar para a força criativa de Gunn, demonstra um olhar atento para as revoluções contraculturais da atualidade. Neste momento em que filmes com base em narrativas gráficas fracassam em circuito, celebrar Gunn é um gesto de coragem.

“O que usei em ‘Superman’ foi a reflexão sobre como um sujeito que é quase um deus se relaciona consigo mesmo em sua busca pela verdade”, disse Gunn em papo mediado pela jornalista Renata Boldrini, no qual a palavra “vulnerabilidade” vinha à tona várias vezes.

Ex-colaborador da fábrica de filmes e séries B Troma, o cineasta nascido em St. Louis, no Missouri, há 59 anos é quem escreve e dirige “Superman”, um poema que resgata os poderes analgésicos (e revolucionários) da fantasia. Ao assumir o posto, ele passou a carregar a responsabilidade de preservar o prazo de validade das narrativas audiovisuais estreladas por super-heróis no momento em que o filão se encontra em estado de alerta, contabilizando fracassos e rejeições. Sua iniciativa, hoje encontrável na HBO MAX, faturou bonito: custou US\$ 160 milhões e arrecadou US\$ 225 milhões, rendendo US\$ 616 milhões.

Kal-El, o último nobre remi-



Capa da edição 100 do Superman da Panini no Brasil Paz na Terra